

# PROJETO *LEITURA EM FAMÍLIA*: PRÁTICAS DE LETRAMENTO DESENVOLVIDAS NO ASSENTAMENTO PAIXÃO (VITÓRIA DA CONQUISTA-BA)<sup>1</sup>

*Elisângela Gonçalves*<sup>2</sup>

## RESUMO

Por mais que estejamos inseridos numa cultura predominantemente escrita, num mundo permeado por diferentes objetos escritos, impressos ou virtuais com os quais precisamos estabelecer uma constante interação através da ação leitora, o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita é hoje um dos maiores desafios da nossa sociedade. Disso decorre o desenvolvimento do Projeto de Extensão *Leitura em Família*, que objetiva, dentre outras coisas, incentivar a leitura no ambiente familiar, propiciando aos participantes o contato com diversos textos (em sentido amplo e restrito), tendo a leitura como referência para a escrita, por meio da qual possam manifestar sentimentos, experiências, ideias e opiniões. Por considerarmos a leitura uma atividade interativa que se constrói na relação entre autor, texto e leitor, e que a escrita consiste em fator de transformação social, na metodologia desenvolvida neste projeto, priorizamos a participação ativa dos indivíduos na produção de leitura e escrita, bem como selecionamos temas que sejam relevantes para o grupo. No decorrer das atividades do projeto, os moradores do Assentamento Paixão puderam compartilhar conosco os resultados dessa experiência em suas vidas, sendo um fator preponderante o de se reconhecerem enquanto

---

<sup>1</sup> O Projeto de Extensão *Leitura em Família* conta com financiamento da UESB (Edital 243/2013). Agradeço a colaboração dos discentes Sarah Ferreira Chaves (bolsista UESB) e Rodrigo Barreto Sousa (bolsista voluntário - UESB) no desenvolvimento deste Projeto.

<sup>2</sup> Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Linguística do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).  
E-mail: goncalveselisangella@gmail.com.

sujeitos ativos, construtores de sua própria história. Esse projeto de extensão permitiu-nos expandir o conhecimento produzido dentro da universidade (no âmbito do ensino e da pesquisa) para além de sua estrutura, compartilhando-o, reelaborando-o; e trazer para o interior da Instituição esse conhecimento reformulado.

**Palavras-chave:** Assentamento Paixão. Escrita. Leitura. Práticas de Letramento. Vitória da Conquista - BA.

### **ABSTRACT**

Although we are embedded in a culture that is expressed predominantly through writing, and we live in a world where we interact daily with different written (printed or virtual) objects, the development of reading and writing skills is one of the biggest challenges in our society today. This reality has given rise to the development of the Project “Family Reading” whose objective, among others, is to encourage reading in the family environment, providing participants with contact with various texts (in a broad and narrow sense), using reading as a reference to writing, a means through which they may express their feelings, experiences, ideas, and opinions. We view reading as an interactive activity – built upon the relationship between author, text and reader –, and writing as a factor of social transformation. Consequently, the methodology adopted in this project prioritizes the active participation of individuals in producing oral and written texts, selecting topics relevant to the group. During the development of the project, the residents of the “Assentamento Paixão” shared the impacts of this experience on their lives, and one of the main factors reported was their raised awareness as active subjects, constructors of their own personal histories. This extension project allowed us to expand university-produced knowledge (in teaching and research) beyond its structure, sharing it, reworking it, and bringing this reformulated knowledge into the Institution.

**Keywords:** Assentamento Paixão. Literacy Practices. Reading. Vitória da Conquista - BA. Writing.

### **Concepção do Projeto**

Esse projeto é voltado para famílias do Assentamento Paixão, localizado no Bairro Lagoa das Flores, município de Vitória da Conquista, logradouro afastado da cidade cerca de 15 km e intercalado pela BR-116, com população de aproximadamente 9 mil habitantes, segundo dados fornecidos pelos próprios assentados.

Nosso contato com esse Assentamento se deu a partir de uma conversa com a Sr<sup>a</sup>. Maria Dulce Costa Gonçalves Machado (membro da Associação de Mulheres Agroecológicas de Vitória da Conquista (AMAVC), uma associação ligada ao Assentamento), que nos apontou dificuldades dos assentados, tais como ausência de sentimento de pertença à sua comunidade e, conseqüentemente, de “valorização” dessa; desesperança por parte de muitos adolescentes e jovens, que, por não perceberem oportunidades de emprego e de se desenvolverem socioeconomicamente, acabam migrando para outras cidades, sobretudo São Paulo. Nessa comunidade, um misto de urbano e rural, as práticas de leitura e de escrita são pensadas normalmente como ligadas a práticas escolares, limitadas praticamente aos jovens e adolescentes. Diante do quadro exposto, pensamos que seria eficaz o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita enquanto ações sociais, indo além da escola; práticas que fizessem sentido para os membros da comunidade como um todo, por não consistirem em uma ação individual, mas coletiva. Desse modo, idealizamos o desenvolvimento do *Projeto Leitura em Família*, um projeto que envolve não somente adolescentes e jovens, mas o núcleo familiar como um todo, já que tais práticas precisam fazer parte da realidade, do cotidiano, das relações interpessoais desses indivíduos. Assim, esses poderiam vir a perceber que a leitura está presente em suas atividades diárias, em sua lida na lavoura, em suas atividades domésticas e que a leitura de novos textos (em sentido amplo e estrito) pode possibilitar-lhes vislumbrar novos mundos, novas ideias, novos sentimentos, novas perspectivas.

Ajudar um indivíduo a reconhecer a importância da leitura e a desenvolver o hábito de leitura tem estreita relação com a qualidade das interações com aquele que intermedia os encontros com os textos e, também, com as situações em que as leituras ocorrem. Considerando isso, colocamo-nos os seguintes objetivos:

- Propiciar aos participantes do projeto o contato com diversos textos (em sentido amplo e restrito), tendo a leitura como referência para a escrita;

- Aproximar os indivíduos do universo escrito, de modo que possam manifestar sentimentos, experiências, ideias e opiniões, definindo preferências e construindo critérios próprios para selecionar o que lerão;
- Auxiliar os participantes do projeto a enriquecerem seu vocabulário, de modo que possam expressar com mais clareza e propriedade suas ideias e opiniões;
- Ajudá-los a compreender a intenção, o ponto de vista de quem escreve, fazendo uma leitura crítica, reconstruindo o sentido segundo suas vivências, ampliando sua visão de mundo;
- Contribuir para a formação de leitores autônomos e competentes;
- Propor atividades em que os participantes tenham de perguntar, prever, recapitular, opinar, resumir, comparar opiniões, confrontar ideias;
- Incentivar a leitura no âmbito familiar;
- Contribuir para o desenvolvimento da responsabilidade, compromisso e cuidado com o material coletivo.

### **Fundamentação do Projeto: leitura e escrita e a integração do sujeito ao mundo**

“Leitura não é um ato solitário; é interação verbal entre os indivíduos”.  
(ORLANDI et al., 2005, p. 18).

Conforme Gadotti (1982, p. 17), “o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história”.

Por meio da leitura e da escrita, exercita-se a inteligência, possibilitando a integração do sujeito ao mundo e permitindo-lhe adquirir novos conhecimentos. Essas duas atividades funcionam conjuntamente, permitindo ao sujeito a capacidade de associar ideias, planos, sintetizar assuntos, de tornarem-se pessoas mais críticas, bem como de renovarem sua criatividade.

Na medida em que alguém lê um texto e reescreve outro, baseado no texto lido, estará dando continuidade às ideias de quem o escreveu, o que consistirá em uma experiência de vida, visto que estarão envolvidos conceitos de diferentes sujeitos sociais portadores de diferentes valores e modos de agir.

De acordo com Kramer (2003, p. 66):

O que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se. [...] A leitura e a escrita podem, à medida que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação.

Assim sendo, o educador tem por obrigação formar leitores competentes, que compreendam e interpretem aquilo que lêem, inclusive conseguindo, nas entrelinhas, fazer inferências sobre o texto lido, assim como que possam estabelecer uma relação de determinado texto com outras leituras feitas anteriormente, que identifiquem a polissemia de um texto. Ele precisa ter em mente que, de modo a obter-se um leitor competente, é preciso uma prática constante de leitura, partindo de um trabalho organizado em torno da diversidade de textos que circulam socialmente; ademais, precisa considerar que, com a formação de leitores, estão-se formando também escritores.

É imprescindível considerar-se ainda, na prática da leitura e produção de texto, a linguagem como ação social, levando-se em consideração a afirmação de Bakhtin (1992, p. 282), de que “o nosso pensamento se origina e se forma no processo de interação e luta com pensamentos alheios, o qual não pode deixar de refletir-se na forma de expressão verbal do nosso”.

Nessa mesma linha de raciocínio – que focaliza a ação social da leitura e da escrita –, encontra-se a preocupação com o analfabetismo funcional, o que levou pesquisadores ao conceito de “letramento” em lugar de “alfabetização”, conceito que se tornou insatisfatório. Segundo

Soares (2000a, p. 1), “Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”.

O termo “letramento” surgiu nas áreas de Educação e de Ciências da Linguagem na segunda metade da década de 1980 (SOARES, 2000b, p. 15). É em Kato (1986, p. 7) que se encontra uma das primeiras ocorrências desse termo: “[...] a chamada norma-padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo por que indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita”.

Kleiman (2008, p. 15) afirma que o surgimento do conceito de letramento adveio da necessidade de se separarem os estudos sobre o ‘impacto social da escrita’ dos estudos sobre alfabetização. Enquanto esta consiste em um processo individual de aquisição da leitura e escrita, aquele constitui um processo mais amplo, que ultrapassa os limites da escola, tratando-se de “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (p. 18). Kleiman (2005) enfatiza, contudo, que, apesar de serem processos distintos, letramento e alfabetização estão associados.

Conforme a autora, “o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas das atividades e não somente nas atividades escolares” (p. 6). Infelizmente, a escola costuma restringir-se a algumas práticas de escrita; contudo, além dos muros da escola, os indivíduos experimentam outros usos e práticas ligados à escrita. Os eventos de letramento das instituições se diferem dos eventos escolares mais tradicionais, uma vez que os primeiros envolvem uma ação coletiva dos sujeitos envolvidos no ato da escrita, enquanto os últimos exigem uma ação individual dos alunos; é preciso, todavia, que os eventos escolares se assemelhem cada vez mais aos eventos sociais.

Sob a ótica do letramento, leitura e escrita consistem em práticas sociais. Adotando esse ponto de vista, concebemos leitura

como um processo interativo. Dessa forma, o foco não estará no autor do texto, sendo o leitor mero captador das ideias do autor, sem que sejam consideradas suas experiências e seus conhecimentos; tampouco estará somente no texto, sendo o papel do leitor o de decodificá-lo, estando tudo dito no texto. Pelo contrário, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito, e não em algo que preexista a essa interação.

A leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2007, p. 11).

Nas sociedades modernas, ser alfabetizado (saber ler e escrever) não tem se revelado o bastante para responder adequadamente às demandas contemporâneas. Se, há algum tempo, saber assinar o próprio nome era suficiente, sobretudo porque se visava ao voto do indivíduo; hodiernamente,

saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos (REBELLO VIEGAS, 2007, p. 175).

Segundo Kleiman (2005, p. 21),

[...] o letramento abrange o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet.

Kato (1986), por sua vez, menciona uma pesquisa feita por Griffiths e Wells (1983) com ingleses, visando a perceber o papel da escrita em uma sociedade tida letrada. Nesse estudo, os autores

concluíram que a escrita não constitui atividade essencial para que os indivíduos tenham uma vida feliz e confortável, pois, apesar de essa ser representativa para a maioria da população, verificou-se um segmento que escreve muito pouco. Todavia, essa falta de prática e de habilidade em escrever incomoda e frustra muitas pessoas; algumas, inclusive, atribuem a culpa ao sistema escolar. Assim sendo, de acordo com os autores, “nós falharemos em nosso objetivo escolar se a criança sair da escola sem escrever com fluência e segurança” (GRIFFITHS; WELLS apud KATO, 1986, p. 39).

Com relação a sociedades como a brasileira (com desenvolvimento socioeconômico estratificado), conforme Kato, a escrita é privilégio dos poucos que chegam à escola – a oralidade prevalece à escrita, sobretudo nas zonas rurais e urbanas menos desenvolvidas. Mesmo entre os falantes letrados, há a primazia do oral, já que esses optam por procurar informação oral em vez de consultar um guia ou um manual, por exemplo. E nas zonas rurais e urbanas menos desenvolvidas, mantém-se a transmissão oral do conhecimento.

[...] nas sociedades altamente letradas, as pessoas procuram simular a escrita na fala, em um país como o Brasil, a força da oralidade marca a própria escrita... havendo necessidade de um policiamento cada vez mais consciente por parte do escritor, se ele quiser seguir os padrões institucionalmente aceitos (KATO, 1986, p. 40).

A autora conclui (cf. EHRLICH, 1983) sobre a necessidade de preservar-se a transmissão do oral, assim como, por outro lado, a de fazer-se “um uso funcional do código escrito para aumentar as possibilidades de acesso independente à informação” (KATO, 1986, p. 40).

## **Desenvolvimento do Projeto**

Para o desenvolvimento das ações do projeto, a Associação de Mulheres Agroecológicas de Vitória da Conquista (AMAVC) nos disponibilizou um espaço físico, onde temos nos reunido às quartas-

feiras, das 18h às 21h. Durante essas três horas, são realizadas ações diversas: exibição de filmes, leitura e discussão de textos (em sentido lato e estrito), realização de atividades pelos participantes a partir dos textos lidos (elaboração de propagandas, declamação de poesias, competição em gincanas de leitura, entre outras). No final de cada encontro, entregamos aos núcleos familiares uma “Ficha de Leitura”, de modo a fazerem um levantamento das ideias centrais contidas no texto trabalhado naquela noite ou a ser lido em casa. No encontro seguinte, cada participante tem a oportunidade de socializar sua experiência com o grupo, o que tem sido feito não somente por meio de discussão oral, mas por meio de desenhos, colagem, dramatização, entre outras formas.

A equipe executora (a coordenadora e os bolsistas) realiza uma reunião semanal, de modo a avaliar o andamento do trabalho e discutir a leitura da referência bibliográfica em que se baseia o projeto, bem como o material a ser trabalhado com os assentados.

Em nossos encontros, temos priorizado temáticas que valorizam a importância da leitura, a relevância da educação familiar e formal na formação pessoal e profissional dos indivíduos, superação, amizade, solidariedade... Nesse sentido, trabalhamos, por exemplo, com o filme *Mãos Talentosas* (Thomas Carter), que conta a história de Ben Carson, um menino pobre e negro (de Detroit, EUA) filho de mãe separada e analfabeta, que fracassava nos estudos, sendo discriminado pelos colegas, e que se considerava incapaz de “conseguir algo na vida”, mas que se descobriu e descobriu o mundo – inclusive sua futura profissão – a partir da leitura (quando sua mãe o fez ler dois livros por semana e fazer um resumo do que fora lido). Ben se tornou o primeiro neurocirurgião a realizar uma cirurgia de separação de gêmeos siameses com absoluto sucesso. Também discutimos a história da luta de dois amigos (um judeu, imigrante da Lituânia, e um negro, soteropolitano, cujo pai, consultor jurídico de uma grande estatal, fora transferido para a cidade de São Paulo) para serem aceitos tanto por uma escola frequentada por alunos advindos de famílias abastadas quanto por suas respectivas famílias. Os

dois garotos enfrentam a discriminação, a injustiça e a incompreensão. Essa é a história contida no livro *Um Sonho no Caroço de Abacate*, de Moacir Scliar. Ainda, temos trabalhado com textos em sentido amplo, como músicas, gestos, propagandas, entre outros, contando com a participação dos adolescentes e adultos nas atividades propostas.

Em um dos encontros, solicitamos aos participantes do projeto que saíssem pelas ruas do Assentamento anotando tudo o que encontrassem escrito: nomes de escolas, de bares, de sítios, placas de sinalização... A partir das informações colhidas, propomos a montagem de uma maquete que pudesse retratar o Assentamento Paixão e a relação de seus moradores com a linguagem escrita em seu cotidiano.

Na avaliação sobre o desenrolar das atividades do projeto no ano de 2014, os adolescentes registraram o quão importante está sendo seu novo olhar sobre a leitura e a escrita no seu dia-a-dia; os pais relataram que a autonomia de seus filhos e a maneira como têm compartilhado sua compreensão quanto aos objetos lidos têm sido notados não só no núcleo familiar, mas também no ambiente escolar. Esses comentários foram muito gratificantes, pois pudemos perceber a eficácia de um trabalho conjunto, acolhido tanto pela equipe executora quanto pela comunidade.

Constou, ainda, como atividade do projeto, a realização de um Seminário denominado “Workshop Práticas de Letramento”, que ocorreu nos dias 01 a 03 de dezembro de 2014, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – *campus* de Vitória da Conquista (Teatro Glauber Rocha). Consistiu em um fórum cujo objetivo foi reunir pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação, educadores, assim como membros da AMAVC e de assentamentos de Vitória da Conquista para refletirem sobre o papel social da leitura e da escrita na vida dos indivíduos (ultrapassando os limites da escola) e debaterem temas como letramento, letramento digital, multiletramentos, entre outros. Esses são temas importantes a serem discutidos, visto que, como destacado no resumo deste texto, embora estejamos inseridos numa cultura predominantemente escrita, num mundo permeado por

diferentes objetos escritos – impressos ou virtuais – com os quais precisamos estabelecer uma constante interação através da ação leitora, as habilidades de leitura e a escrita são, hoje, um dos maiores desafios da nossa sociedade.

Além de contar com mesas-redondas em que professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem e do Programa de Mestrado Profissional em Letras discutiram seus trabalhos, esse evento contou com a participação de coordenadores de projetos voltados para essa temática, como o Projeto de Incentivo à Leitura e à Escrita (PROLER), coordenado pela Profa. Dra. Heleusa Figueira Câmara (DCSA/UESB), o Projeto Orientação Permanente à Leitura e à Escrita (OPLE), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Helena de Melo Pereira (DELL/UESB), e o projeto apresentado neste relato de experiência. A Profa. Ana Isabel Rocha Macedo (DELL/UESB), enquanto escritora, compartilhou com os presentes sua experiência por meio da conferência “O ato da escrita”.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman (professora titular, colaboradora aposentada na Universidade Estadual de Campinas) partilhou conosco um pouco do seu vasto conhecimento e produção sobre leitura, escrita e letramento, por meio da Conferência Letramento e suas implicações para o ensino da língua escrita, bem como do oferecimento da Oficina Práticas de Letramento de Educadores de Assentamentos de Vitória da Conquista-BA (nas manhãs dos dias 01 e 02 de dezembro) direcionada a pessoas ligadas ao Projeto Leitura em Família (associadas da AMAVC, educadores de assentamentos e membros de assentamentos de Vitória da Conquista).

Como “letramento” consiste em um conceito fundamental para as ideias que norteiam esse projeto, visto que concebemos leitura e escrita não como ações mecânicas, mas como mecanismos de ação social, as discussões abordadas nesse Seminário contribuirão sobremaneira para a expansão do modo como leitura e escrita precisam ser concebidas em nossa sociedade.

## **Ações futuras**

Esse projeto recobrirá o biênio 2014/2015; logo, tendo em vista que outras comunidades que carecem desse tipo de trabalho têm nos procurado no intuito de que possamos desenvolver nossas ações junto a elas, temos em vista a possibilidade de expansão das atividades desse projeto para outro grupo. Além disso, pretendemos buscar parcerias, de modo a montarmos o nosso “Cantinho de Leitura” (uma pequena biblioteca com livros, CDs e DVDs infanto-juvenis).

## **Conclusão**

Com o desenvolvimento do presente projeto, buscamos atender à relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Não faz sentido uma universidade se fechar em suas paredes, buscando construir e discutir conhecimento por meio do ensino e da pesquisa, e não compartilhar esse conhecimento com a comunidade em que se encontra inserida e com a comunidade de um modo geral, através da publicação de seus estudos.

Projetos de extensão são importantes, pois possibilitam a democratização do saber acadêmico, visto que o saber “produzido” na/pela universidade voltará a essa, após ter sido testado e reelaborado. Nesse caso, estão sendo “confrontados” saberes, experiências, vivências da equipe executora do projeto e dos membros do Assentamento, o que, certamente, tem ocasionado mudanças em ambos.

Acreditamos que as práticas de leitura e escrita desenvolvidas neste projeto têm propiciado aos indivíduos o reconhecimento de si enquanto sujeitos autônomos, conscientes e transformadores da realidade que os cerca. Acreditamos também que os próprios têm percebido que com o uso da escrita poderão ter acesso à informação de maneira mais independente (KATO, 1986).

## Referências

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão; rev. da tradução Maria Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- . *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. *O que é ler? Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Cefiel, Unicamp, MEC, 2005.
- . Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 15-64.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KRAMER, S. Escrita, experiência e formação: múltiplas possibilidades de criação escrita. In: YUNES, E. *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.
- REBELLO VIEGAS, I. S. O papel social da leitura e da escrita: ser alfabetizado é ser letrado? *Revista Philologus*, v. único, p. 175-184, 2007.
- SOARES, Magda. Letrar é mais que alfabetizar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2000a. Nossa língua – nossa pátria. Entrevista. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2005.

———. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

VARGAS, S. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.